

Ao Som de Um Tambor Diferente

Heróis: Legados de Fé—Parte 1

Hebreus 11.1–3

Introdução

Uma das minhas lembranças prediletas de quando tinha 8 e 9 anos era de, durante as férias, ir para a biblioteca pública da cidade. Ainda lembro do cheiro quando eu e meus irmãos entrávamos naquele prédio que guardava dezenas de milhares de livros e, para nós crianças, com corredores infinitos de livros esperando para ser explorados.

Meus pais missionários nos deixavam ficar ali na biblioteca durante a tarde enquanto realizavam o ministério num centro local com militares. Também podíamos tomar emprestado livros e leva-los para ler em casa.

Naqueles dias, poder e liberdade para uma criança de 8 anos de idade não era ter seu próprio celular; não, liberdade era possuir seu próprio cartão da biblioteca pública. A verdade é que eu não estava interessando em aprender coisa alguma. Se os livros fossem educacionais, não tinha interesse. Na verdade, numas férias, minha mãe me obrigou a ler um livro para que eu não desaperdesse a ler.

Meu interesse era entrar nas aventuras de heróis reais do passado. Eu saía da biblioteca com o braço cheio de biografias de David Crocket, Daniel Boone e Louis Pasteur, aquele indivíduo que inventou um processo em 1862 para preservar o

leite por mais tempo. O processo, posteriormente, recebeu o nome de pasteurização em honra a Louis Pasteur.

Pasteur também desenvolveu a vacina contra raiva. Um assistente de Pasteur o viu em seu laboratório tentando desenvolver a vacina. Pasteur estava com um tubo entre os lábios, debruçando-se sobre um cachorro sobre uma mesa infectado com a raiva, dois assistentes segurando o animal, enquanto Pasteur tentava retirar uma amostra da saliva do cachorro com aquele tubo. Loucura de cientista! Mas ele teve êxito em suas pesquisas. Pasteur conseguiu desenvolver a vacina e seu primeiro paciente foi um garotinho que tinha sido mordido por um cachorro infectado. O garoto sobreviveu.¹

Li a biografia de George Washington Carver, um escravo libertado no final dos anos de 1800 que descobriu métodos valiosos para o crescimento de plantações, incluindo 300 maneiras variadas de se usar o amendoim. Foi ele quem inventou a pasta de amendoim.

Mais tarde na vida, percebi que havia um tema em comum nas vidas desses indivíduos: eles enxergavam a vida diferente dos outros; sua rádio estava sintonizada em outra estação; e eles estavam dispostos a sacrificar tudo para tomar uma atitude com base na convicção de que algo era possível,

realizável e valia a pena.

O pregador e escritor Warren Wiersbe, que escreveu um livro excelente com biografias de crentes do passado, disse que homens e mulheres influentes do passado—exploradores, inventores, emancipadores e pioneiros em várias áreas de estudo—viram o invisível e buscaram o impossível.² Isso, inevitavelmente, separa essa pessoa e a coloca num nível diferente de seus contemporâneos. Como disse o filósofo Henry Thoreau: “Se um homem marcha com um passo diferente do dos seus companheiros, é porque ouve outro tambor.”³ Esse pensamento é aplicado para se referir a alguém que é um líder, pioneiro, artista ou visionário que marcha ao som de um tambor diferente. A grande maioria deles recebe o título de herói e respeito para todas as eras somente depois que morre.

Você já parou para pensar que a primeira pessoa profundamente interessada em recontar as vidas de homens e mulheres da história é Deus? A maioria da Bíblia é biográfica, isto é, relata as vidas de homens e mulheres, reis e líderes, pioneiros e profetas. Deus está convencido de que eu e você aprendemos melhor quando a verdade é exemplificada de forma prática nas vidas de pessoas. Por esse motivo, quando abrimos as Escrituras nos deparamos com as biografias de pessoas boas e ruins, virtuosas e perversas, espirituais e carnisais, humildes e prepotentes.

Alguns dias atrás, comecei a ler a biografia de G. Campbell Morgan, um homem considerado o príncipe dos pregadores do século passado. Não passei sequer da primeira página sem ser desafiado por uma de suas frases: “Experiência é um professor difícil e existem aqueles que nunca aprendem.”⁴ Talvez não aprendemos porque não lemos biografias.

O valor que Deus dá a biografias fica evidente em declarações que ele fez através de seus apóstolos, tais como:

para que não vos torneis indolentes, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdaram as promessas (Hebreus 6.12).

É impossível imitar pessoas que não conhecemos. Por isso, precisamos nos familiarizar ao máximo com os personagens bíblicos.

Paulo também escreveu sobre a história de Israel e fez o seguinte comentário aos coríntios:

Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado (1 Coríntios 10.11).

E:

Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança (Romanos 15.4).

Em outras palavras, Deus nos deu biografias de pessoas e histórias até mesmo de nações a fim de nos dar esperança e de nos ensinar a viver e caminhar pela fé.

Se você abrir sua Bíblia em Hebreus, logo descobrirá que a carta foi escrita a crentes judeus que passavam por provações e perseguições. Se pularmos diretamente para o capítulo 11, perderemos todo o preparo feito pelo autor para esse grande capítulo, onde Deus menciona a biografia de uma dúzia de pioneiros da fé. Em Hebreus 10.35, lemos: ***Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão.*** Ou seja, não desista, não importa quão terrível ou difícil estejam

as coisas. Não desista, lembre-se destes servos de Deus que andaram pela fé.

Daí, se pularmos para o capítulo 12, veremos o autor encorajando o leitor, dizendo: “Agora que já descobriram que estão cercados por essa grande nuvem de testemunhas—os testemunhos desses santos do passado—assim como eles, perseverem, continuem correndo a carreira que está adiante. Corram e vivam pela fé.”

Quando lemos isso, pensamos: “Certo, Senhor, estou dentro! Mas como isso funciona mesmo?” Hebreus 11 fornece a resposta. Hebreus 11 é quase um parêntese entre os capítulos 10 e 12. Nele, é como se Deus dissesse: “Sente-se aqui um pouquinho e vou contar algumas histórias reais, biografias de pessoas assim como você, pessoas comuns. Nenhuma delas andou em perfeição e nenhuma delas creu sem experimentar dúvidas, hesitação ou mesmo falta de fé em determinadas circunstâncias. Mas permita-me mostra-lo que existe um tema comum recorrente nessas diversas biografias: todas essas pessoas viram o invisível e buscaram o impossível.”

Esses indivíduos, com efeito, marcharam ao som de um tambor diferente. Na verdade, eles contaram apenas com a única coisa que nós contamos hoje também: o tambor da fé.

Comece em Hebreus 11.1:

Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem.

Imediatamente, o estudante diligente das Escrituras pega seu lápis e pensa: “Hum, esta deve ser a definição de fé.” Você passa, então, a dissecar ao verso e diz: “Fé é a certeza e a convicção de coisas que espero e que não vejo.” Mas essa simples definição parece não preencher todas as lacunas. Você ainda se pergunta: “Certo, como consigo esse

tipo de certeza e como desenvolvo esse tipo de convicção?”

Permita-me lembra-lo que podemos definir algo de diversas maneiras. Primeiro, podemos definir algo **objetivamente**, ou seja, com base no que algo é ou parece ser. Também podemos definir **subjetivamente**, ou com base em como nos sentimos. E podemos definir algo **funcionalmente**, isto é, como algo se comporta.

Pense, por exemplo, numa bicicleta. Vou defini-la objetivamente. Precisamos entender que a palavra “bicicleta” é composta por dois termos: “bi,” que significa “dois,” e “ciclo,” que se refere a rodas. As rodas são compostas por pneus de borracha, raios para reforço e metal. Todos esses elementos estão conectados a uma estrutura de ferro e, sobre essa estrutura, encontra-se um assento. A barra horizontal frontal é o objeto por meio do qual o ciclista guia o veículo. E assim por diante. Essa é uma definição objetiva com base numa observação do objeto.

Mas, se eu dissesse: “Olha, se você sentar aqui e descer uma ladeira a toda velocidade, experimentará uma sensação maravilhosa. Terá uma posição privilegiada para contemplar a beleza da paisagem ao seu redor, a luz do sol em seu rosto, o vento em seu cabelo... pelo menos para alguns de nós.” Essa é uma definição subjetiva de bicicleta, pois se baseia em experiência e emoções.

Eu também posso defini-la de forma funcional, apresentando-o a ela e mostrando como ela funciona na prática. Então, se você se sentar nela, colocar seus pés nos pedais e se equilibrar enquanto pedala, conseguirá se locomover do ponto A ao ponto B. Essa é uma definição de bicicleta com base em sua funcionalidade e operação.

Precisamos entender que Hebreus 11 não

oferece uma definição objetiva ou subjetiva da fé, mas a uma descrição funcional da fé.⁵ O escritor diz: “É isso o que a fé *faz*.”

De fato, no decorrer de todo o capítulo, você verá que o Espírito de Deus nos mostrará o que viver pela fé significa, não por meio de definição, mas de demonstração. É assim que andamos na bicicleta da fé.

Vamos começar destrinchando essa definição funcional encontrada nos versos 1–3. Três princípios emergem dessa declaração inicial.

1. Primeiro: a fé continuamente fornece o alicerce de nossa esperança.

A primeira parte diz: ***Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam.*** A palavra *certeza* é boa, mas deixe-me mencionar mais uma. O termo grego é *hypostasis*, composto por duas palavras: *hypo*, que significa “sob, debaixo” e o verbo *histemi*, que significa “ficar de pé.” Portanto, “colocar-se sob, debaixo de.” Em outras palavras, certeza refere-se ao alicerce sobre o qual nossa fé é edificada.⁶

E pelo que esperamos? Como crentes, esperamos:

- pela volta de Cristo para levar sua igreja;
- pelos nossos futuros corpos glorificados;
- pela reunião com crentes falecidos no céu;
- pela vinda de um reino literal terreno no qual Cristo reinará e nós com ele;
- pelo novo mundo vindouro onde habitaremos eternamente quando a casa do Pai descer permanentemente na nova terra (Apocalipse 21).

Ouçá bem: sua fé não transforma algo em

verdadeiro; ela simplesmente abraça a verdade.⁷ E sabemos que essas coisas são verdadeiras por meio de nossa fé nas palavras inspiradas de Deus, as quais continuamente edificam o alicerce sobre o qual crescemos. E a verdade é que até mesmo o mundo incrédulo tem começado a adquirir a convicção de que existe algo mais além desta vida.

Outro dia, fui à farmácia e uma jovem trabalhava como caixa. Eu disse: “Espero que seu esteja sendo bom.” Ela respondeu: “Meu pé está me incomodando” e continuou explicando que se machucou jogando futebol e que seu machucado tinha acabado com sua esperança de se tornar dançarina. Eu lhe disse: “Sabe de uma coisa? Deus tem um propósito para cada coisa.” Ela reagiu: “Eu sei. Meu problema me deu a oportunidade de focar mais na minha religião... sou pagã.” Eu falei: “Conheço pessoas como você. O que sua religião significa para você?” Ela me contou que estudava a adoração da terra e a bruxaria. Perguntei: “O que você planeja fazer?” “Planejo abrir minha própria igreja de adoração da terra.” Achei interessante que ela ainda queria ir à igreja. D disse: “E depois, vai fazer o que?” Ela respondeu: “Não sei... talvez ser professora.” Eu olhei para ela e disse: “O que você fará um minuto depois de morrer?” Ela mexeu com as mãos, sorriu e disse: “Não sei... espero que o divino seja bondoso comigo.” Eu disse: “Então, no fundo, você acredita em Deus?” “Não... não desse jeito... o que quis dizer foi... sei lá.” A essa altura, percebi que a outra pessoa na fila estava pronta para pagar. Pedi que ela pensasse um pouco naquilo e fui embora. Oro para que ela pense.

Como vemos, o alicerce dela é, na melhor das hipóteses, frágil; diante de perguntas simples, ele sucumbiu. Essa moça sabia que existe algo mais, mas sua esperança foi edificada sobre um alicerce falso que não lhe forneceu nenhuma esperança verdadeira e consistente.

A fé continuamente fornece o alicerce para todas as nossas esperanças. Fé não é um mero sentimento desejoso, esperando que algo aconteça um dia.⁸ Fé não é um sentimento. Por outro lado, a fé afeta nossos sentimentos. Um alicerce firme para nossa esperança gera em nós:

- urgência para ganhar os perdidos (2 Coríntios 5);
- anseio pela redenção de nosso corpo (Romanos 8);
- expectativa pelo retorno de Cristo (1 Tessalonicenses 1);
- contentamento e gratidão nas orações (1 Tessalonicenses 4);
- amor e humildade para com os irmãos (Colossenses 3).

Fé não é um sentimento—ela é o alicerce para a certeza de nossa esperança que se realizará—mas impacta poderosamente a forma como nos sentimos.

Pense no seguinte: que diferença faria se eu dirigisse até o banco depois que meu amigo me disse que depositou 1 milhão de reais na minha conta? Como eu me sentiria? E como minhas emoções afetariam a forma como eu iria dirigir? Ultrapassaria a barreira do som! Mas a verdade é que a maneira como dirigiria até o banco e o sentimento que teria atrás do volante seriam determinados pela fé na promessa do meu amigo. Se eu realmente confiasse em sua palavra, ficaria dentro do limite de velocidade, esperaria até amanhã e até ousaria enviar alguns cheques de presente para familiares sem nem mesmo checar minha conta.

Minha fé na promessa de meu amigo faz toda

diferença para mim pessoalmente. É por isso que nossa fé—e as vidas que vivemos—representam na prática como estimamos o caráter de Deus. Fé é nossa estimativa do caráter de Deus.

Esta, portanto, é a primeira observação: a fé fornece o alicerce para nossa esperança.

2. Segundo: a fé produz a convicção de que coisas invisíveis existem.

Observe o texto novamente: ***a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem***. O termo grego para ***convicção*** pode ser entendido como “evidência” das coisas que se não veem. Ele aparece somente aqui em todo o Novo Testamento e se refere a prova, evidência.⁹ O filósofo Aristóteles o empregou para falar de um argumento convincente.¹⁰ Nossa fé, portanto, é o argumento convincente ou prova de um mundo invisível.

Agora, entenda bem. O autor não diz que sua fé *comprova* que coisas invisíveis existem; ele diz que sua fé *é a prova* de que coisas invisíveis existem. E isso já basta, pois nossa fé está enraizada na palavra viva e no Senhor vivo.

E quais são essas coisas invisíveis das quais temos tanta convicção?

- que a cruz de Cristo foi suficiente para pagar a penalidade pelos nossos pecados. Nós não vimos Cristo morrer; não vimos a transação invisível da morte de Cristo pela dívida de nosso pecado.
- pela fé cremos na ressurreição de Cristo também, a qual não vimos acontecer.
- pela fé cremos na intercessão de Cristo a meu favor.

- cremos com convicção que a palavra pregada nunca será inútil ou voltará vazia.
- pela fé cremos no ministério do Espírito de Deus.
- pela fé cremos no Messias ressurreto e entronizado.
- cremos numa contínua batalha espiritual determinada a desencorajar e derrotar o crente, bem como descreditar o Evangelho.
- por fim, também cremos na existência de anjos e demônios.

O sentido físico da visão prova a realidade do mundo físico. A fé prova a realidade do mundo espiritual.

Agora, todos nós sabemos onde conseguir ajuda para nossa visão física. Eu uso óculos, não porque quero, mas porque preciso. Eles corrigem a fraqueza dos meus olhos decorrente da idade. Pescadores compram óculos com lentes especiais para eliminar grande parte do reflexo a fim de enxergar bem o peixe sob a superfície da água. Se você é um caçador, pode comprar máscaras com lentes especiais para enxergar à noite e ver os animais; se é um soldado de operações especiais, essa máscara serve para enxergar o inimigo e o perigo adiante.

É exatamente isso o que a fé realiza para o crente:

- fé é a lente que corrige as nossas fraquezas;
- fé é o par de óculos do pescador, ajudando-nos a ver além do reflexo ao nosso redor e a focar em nossa missão como pescadores de homens;

- fé é um par de máscaras noturnas que nos ajudam a enxergar o inimigo, aquela antiga serpente que coloca uma emboscada em nosso caminho.¹¹

A fé nos ajuda a ver no escuro.

Talvez você esteja andando por um vale sombrio; quase todas as luzes foram apagadas. Então, você se agarra ao cajado da fé. Deus o conduziu a um lugar onde não pode depender de seus sentidos, mas apenas do Espírito. Evidentemente, o Senhor busca edificar o alicerce de sua fé, fazendo-o mais forte, maior, profundo e alto. O crente que cresce é aquele que confia no Espírito mais do que em seus próprios sentidos. Seus olhos podem fornecer visão física, mas sua fé fornece entendimento sobre um mundo espiritual que é real.¹²

Gosto demais da demonstração desse princípio na vida prática encontrada em 2 Reis 5. Os exércitos dos arameus planejam capturar o profeta Eliseu e mata-lo. O rei envia esse exército numeroso durante à noite para cercar a cidade onde Eliseu se hospeda. A Bíblia nos conta que, na manhã seguinte, o assistente de Eliseu se levantou cedo e saiu da casa para buscar água. Nessa ocasião, “eis que o exército com cavalos e carros cercava a cidade.” O assistente entra na casa correndo, acorda Eliseu e diz: “Meu senhor, o que faremos?” Eliseu sai para avaliar o cenário e, sem seguida, faz uma declaração surpreendente ao seu moço: ***Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles*** (2 Reis 6.16).

Você consegue imaginar isso? Posso ver o moço dizendo: “Eliseu, você pode até ser bom em profecia, mas é péssimo em matemática. Onde estão nossos aliados? Se minha matemática estiver correta, só existem dois de nós—eu e você—contra um exército de mil guerreiros treinados cercando a

cidade com armamentos de tecnologia avançada.”

É nesse momento que Eliseu ora no verso 17:

...SENHOR, peço-te que lhe abras os olhos para que veja. O SENHOR abriu os olhos do moço, e ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu.

As milícias celestiais eram invisíveis, mas estiveram lá o tempo todo. Aqui está o princípio: ver não é crer—isso é o que todo mundo diz. A fé declara que crer é ver.¹³

600 homens armados até os dentes entraram no Jardim do Getsêmane para prender Jesus. Eles traziam espadas e tacos. Você deve conhecer a narrativa bem para saber que Pedro pega sua espada, dá um golpe e corta a orelha de um dos homens. Mateus registra a resposta de Jesus:

...Embainha a tua espada... Acaso, pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos? (Mateus 26.52–53).

Uma legião era um destacamento romano de 6 mil soldados. Então, Jesus diz aqui que, se quisesse, com uma palavra só poderia ter, materializados ao seu lado, 72 mil anjos! Não podemos vê-los, mas são reais.

A fé fornece o alicerce para nossa esperança e produz a convicção de que coisas invisíveis existem.

3. O último princípio é: a fé prioriza o estilo de vida digno de aprovação.

Veja Hebreus 11.2:

Pois, pela fé, os antigos obtiveram bom testemunho.

O autor se refere aos crentes do Antigo Testamento. Eles **obtiveram bom testemunho**, isto é, receberam grande aprovação de Deus e de outras pessoas.

Qual o motivo dessa aprovação? O texto diz que foi **pela fé**, ou seja, por causa desse tipo de esperança e visão, os santos receberam aprovação; eles se tornaram dignos do título de “heróis;” eles deram o primeiro passo, mesmo quando não conseguiam ver a escadaria por completo.

E as luzes estavam apagadas; tudo estava escuro e era íngreme às vezes; eles pagaram o preço com corpo e mente; o chão era, por vezes, escorregadio, mas eles perseveraram, agarraram-se com convicção à realidade das coisas invisíveis. Eles são dignos de serem estudados, imitados e seguidos como Paulo nos exortou a fazer. Porque neles vemos uma demonstração viva de fé:

- Que prioriza o estilo de vida digno de aprovação;
- Que produz convicção de que as coisas invisíveis existem;
- Que fornece o alicerce sobre o qual nossa esperança é edificada.

Em nosso próximo encontro, veremos uma demonstração de fé que marcha ao som de um tambor diferente.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 09/09/2012

©Copyright 2012 Stephen Davey

¹ Wiki, “Louis Pasteur.”

² Thomas D. Lea, *Holman New Testament Commentary: Hebrews & James* (Holman, 1999), p. 198.

³ Ray C. Steadman, *Hebrews* (InterVarsity, 1992), p. 118.

⁴ Jill Morgan, *A Man of the World: Life of G. Campbell Morgan* (Fleming H. Revell), 1950), p. 13.

⁵ Edgar Andrews, *A Glorious High Throne* (Evangelical Press, 2003), p. 342.

⁶ Kenneth S. Wuest, *Hebrew in the Greek New Testament* (Eerdmans, 1947), p. 193.

⁷ Michael Horton, *The Gospel-Driven Life* (Baker, 2009), p. 123.

⁸ John MacArthur, *The Power of Faith: Study Guide* (Word of Grace Communication, 1987), p. 9.

⁹ Peter T. O’Brien, *The Letter to the Hebrews* (Eerdmans, 2010), p. 399.

¹⁰ Thomas Manton, *Sermons on Hebrews 11* (Banner of Truth, 2000), p. 24.

¹¹ Adaptado de *Life Application Bible: Hebrews* (The Livingstone Corporation, 1997), p. 176.

¹² Lea, p. 200;

¹³ G. Campbell Morgan, *The Triumphs of Faith: Expositions of Hebrews 11* (Baker, 1980), p. 21.